

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS - IV
CURSO DE PEDAGOGIA - HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

O USO DA TELEVISÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

**ÁGUEDA CARDOSO DE SOUSA
CLEUZETE BISPO NASCIMENTO
ELZA CRUZ DOS REIS
MARICELMA NASCIMENTO ALMEIDA**

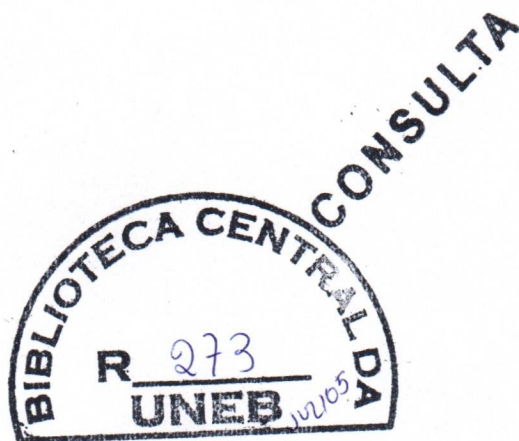
**VÁRZEA DA ROÇA
NOVEMBRO/2001**

19

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS – IV
CURSO DE PEDAGOGIA – HABILITAÇÃO PARA PROFESSORES
DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

O USO DA TELEVISÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

ÁGUEDA CARDOSO DE SOUSA
CLEUZETE BISPO NASCIMENTO
ELZA CRUZ DOS REIS
MARICELMA NASCIMENTO ALMEIDA



Este trabalho foi fruto de uma pesquisa feita para realizar um trabalho de final de curso de pedagogia, sob a orientação do professor mestre Washington Luis Lima Drummond.

VÁRZEA DA ROÇA
NOVEMBRO/2001

UNEB - DEP. IV - JAC

Dedicamos este trabalho ao nosso orientador Washington Luís Lima Drummond pela atenção e a força e a todos que buscam construir e reconstruir o conhecimento com alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, em especial, por nos ter dado calma, sabedoria, conforto, força, fé e otimismo para que não desistíssemos ou fracassássemos diante das dificuldades enfrentadas. A UNEB, pela parceria com a Prefeitura e Secretaria de Educação de Várzea da Roça por nos proporcionar esta oportunidade tão almejada, aos nossos queridos familiares que sempre nos apoiaram e incentivaram a nossa gratidão. Aos nossos mestres, a saudade e o desejo que cada dia, nova etapa de trabalho é iniciada, o trabalho é sinônimo de nobreza; aos nossos colegas por esse convívio tão agradável, o nosso muito obrigado acompanhado de mil saudades, que os caminhos da vida jamais consigam nos separar, aos professores que contribuíram com a realização deste trabalho. E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que alcançássemos a realização do tão sonhado objetivo, o nosso muito obrigado.

DEPENDE DE NÓS

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Que faz tudo por um mundo melhor

Depende de nós
Que o circo esteja armado
Que o palhaço esteja engraçado
Que o riso esteja no ar
Sem que a gente precise sonhar

Que os ventos cantem nos galhos
Que as folhas bebam o orvalho
Que o sol descortine
Mais as manhãs

Depende de nós
Se esse mundo ainda tem jeito
Apesar do que o homem tem feito
E a vida sobreviverá

Depende de nós
Quem já foi ou ainda é criança
Que acredita ou tem esperança
Quem faz tudo pra um mundo melhor

(Ivan Lins e Vitor Martins)

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO _____	7
2 - CAPÍTULO I : TELEVISÃO NO CONTEXTO SOCIAL	11
2.1 - TELEVISÃO AO ALCANCE DAS CRIANÇAS _____	11
2.2 - O UNIVERSO DO DESENHO ANIMADO _____	16
2.3 - EDUCAR PARA A INFORMAÇÃO _____	23
2.4 - EDUCAÇÃO PELA TV _____	27
3 - CAPÍTULO II: TELEVISÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	31
3.1 - BUSCANDO A EDUCAÇÃO IDEAL _____	31
3.2 - REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO REAL _____	35
4 - CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS _____	38
5 - CONCLUSÃO _____	43
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
7 - ANEXO _____	47

1 - INTRODUÇÃO

Nesse início do século XXI, indivíduos de todas as idades, famílias, grupos sociais e profissionais estão, mais do que nunca, recebendo para o consumo informações, conhecimentos, cultura, divertimento, veiculadas com força e rapidez pelos meios de comunicação de massa – como sendo uma vasta audiência heterogênea, anônima e geograficamente dispersa, as pessoas vão consumindo esses conteúdos a eles veiculados de forma quase que exclusivamente unidirecional, por essas fontes difusoras.

No conjunto da sociedade, a recepção aos meios de comunicação de massa, é dentre outras, uma prática apreendida e desempenhada pelas pessoas adultas e crianças, no dia-a-dia de suas vidas contemporâneas. Como todos os agentes sociais, os meios de comunicação de massa têm estado presente, atuando no desenvolvimento do conjunto das relações sociais entre os humanos em sociedade.

“Essa cultura de massa não se liga a um dado estrato da sociedade industrial. É transmitida de maneira industrial para uma platéia diferenciada socialmente no interior das sociedades capitalistas, às quais, tenta atingir de forma indiscriminada ou seja independente de sua origem social” . (COELHO, 1981).

Comunicar significa fazer saber tornar comum, participar. Deve ser ação tanto por parte dos emissores quanto dos receptores. A comunicação é um processo essencial, não só na socialização mas também a formação do indivíduo, na medida em que este adquire consciência de si.

Quando receptores e emissores de mensagens não se encontram no mesmo espaço físico, mas utilizam-se de meios artificiais e técnicas de condução de mensagens no mesmo momento, não diz-se que a comunicação é do tipo à distância, mas de telecomunicações.

Dentre os elementos que compõe o processo de telecomunicação, as pessoas receptoras são as que têm mostrado ser as que mais necessitam aprender a conhecer suas atuações frente aos meios de comunicação de massa, objetivando a formação de uma consciência crítica e uma melhoria de vida individual e social. A educação de espectadores críticos deve ser um processo contínuo tanto para os educadores quanto para os educandos.

Uma das formas de telecomunicação que mais chama a atenção dos educadores é a televisão. Ela propicia o contato direto entre regiões distantes, culturas diversas, fazendo vir a tona formas de comunicação impostas pelo mundo pós-Revolução Industrial. A televisão é o maior entretenimento brasileiro. A imensa maioria das casas desse país possui um aparelho de TV.

“Esse eletrodoméstico prático e extremamente cômodo, na medida em que torna muito fácil o acesso a distração não é processo locomoção para assistir ao espetáculo, não são necessários quaisquer aparatos físicos para usufruir do lazer” (CAMPEDELLI, 1987).

Devido a essa extrema facilidade que a televisão possui as crianças são as pessoas receptoras que mais necessitam aprender desenvolver seu senso crítico frente a quantidade alarmante de informações que lhes são entregues dia-a-dia por esse meio de comunicação tão heterogêneo.

O principal objetivo do nosso trabalho foi observar de que maneira as práticas pedagógicas relacionadas ao uso da televisão estão sendo utilizadas

elos educadores, procuraremos analisar as influências geradas pela televisão dentro do cotidiano das crianças da pré-escola, bem como o papel dessa instituição composta tanto por crianças quanto por pais e professores na formação de um indivíduo crítico à recepção desse meio de comunicação. Para tanto, enfocamos as crianças do pré I e II e da alfabetização da Escola Francisco Marques de Oliveira de Várzea da Roça.

Nosso objetivo parte da necessidade de mostrar que a escola não deve assistir impassível ao processo de penetração da cultura audiovisual sem oferecer modelos de interpretação e de análise e crítica para as novas gerações.

Para uma melhor abordagem do tema dividimos o trabalho em três partes, no primeiro e segundo capítulo tratamos da televisão como veículo de informação e suas mazelas para a sociedade atual, abordamos também o universo do desenho animado, seus personagens, heróis, toda a simbologia impregnada nessa forma de expressão artística que tanto fascina as crianças. Trataremos a televisão como auxílio pedagógico e analisaremos a maneira como ela "educa" comparando-a com o estilo de educar próprio da escola. No terceiro capítulo, apresentaremos uma análise crítica resultante da observação feita às turmas de pré-escolas e questionamentos levantados junto aos profissionais de educação ligados a essa fase escolar.

Nós achamos importante definir uma concepção de educação, de como é que o indivíduo aprende. Isso tem a ver com método pedagógico. Antes se partia de duas concepções pelo menos: uma entendia que a pessoa nasce uma tabula rasa, sem nada, e o mundo vai imprimir nela tudo o que tem de conhecimento acumulado. A escola reproduzia isto. Ela tem um conjunto de

idéias para passar e o aluno vem como uma massa disforme como uma folha em branco, e a escola imprime. A outra visão entendia que o ser humano já vem pré determinado, com uma série de características, e não tem muito o que fazer; basta estimulá-lo e descortiná-lo. Aí também chegava-se aquela conclusão de que alguns vão, outros não vão, por uma questão de característica pessoal.

Nós entendemos a educação a partir do interacionismo, de que um ser humano aprende na interação. Tanto ele imprime a sua marca no mundo quanto o mundo influencia na sua formação. Que a aprendizagem ocorre junto com o desenvolvimento do ser humano. Portanto, entendemos que a educação tem que ser dialógica, interativa, tem que partir do pressuposto de que o ser humano vem de uma série de conceitos, vem de uma cultura para dentro da escola e a escola vai dialogar com essa cultura para a construção de novos conhecimentos.

Essa abordagem interacionista permeia todo o nosso trabalho pois entendemos que o ser humano aprende na relação; que ele tem uma cultura, que tem que dialogar com a escola e com os conhecimentos sistematizados nas diferentes áreas de conhecimentos.

CAPÍTULO I

2 - TELEVISÃO NO CONTEXTO SOCIAL

2.1 - Televisão ao alcance das crianças

A televisão possibilita o conhecimento dos problemas de outros povos, grupos ou pessoas. Permite conhecer as respostas dadas por outros problemas semelhantes aos seus. Gera um forte sentimento de participação. Envolve cada indivíduo nos acontecimentos da humanidade.

A televisão torna-se assim, em uma poderosa arma de conscientização e de sensibilização. Segundo **Macluhan**, muitas das revoluções pela independência de algumas nações da África teriam sido impossíveis sem o transistor. Ao escutar a notícia sobre as rebeliões dos negros americanos exigindo os direitos, os africanos perguntavam-se: "E por que não nós"? Na China a imagem do estudante tentando deter uma fila de tanques do Exército em *Tiananmen* tornou-se um símbolo de protesto. Após a queda do muro de Berlim, os alemães orientais reconheciam que ter assistido à televisão ocidental havia contribuído para a sua conscientização e estimulando a sua postura crítica.

A Televisão sensibiliza um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Os meios de comunicação de massa em geral e a televisão em particular, têm contribuído para sensibilizar os cidadãos sobre uma série de problemas

mundiais de interesse crescente: as desigualdades sociais cada vez maiores, a degradação progressiva da natureza com a contaminação ameaçando a sobrevivência do planeta, a escassez cada vez maior dos recursos naturais, as reações de indignação diante dos problemas de corrupção política.

*"A indústria cinematográfica proporcionou uma janela para o mundo e as nações colonizadas olharam através dela vendo as coisas às quais não tinham acesso. Por acaso não seria compreensível que uma geladeira pudesse ser um símbolo revolucionário... para um povo que não possui geladeiras (...)? **Hollywood** ajudou a desenvolver o sentimento de estar privado de direitos que o homem possui desde o seu nascimento, e essa sensação de privação desempenhou um grande papel nas revoluções nacionais da Ásia do pós - guerra" (Mc Mchulan, 1987).*

Essa mesma televisão que traz a sensibilização, provoca uma consequência diametralmente oposta: a não valorização da população perante os acontecimentos devido à saturação de informações. A saturação de informações torna o indivíduo insensível.

Segundo J. N. PLETON

Em um espaço de tempo de 2500 anos, a espécie humana multiplicou-se 50 vezes mas a expansão de informações foi multiplicada 10 milhões de vezes. O volume de informação cresceu 200 mil vezes mais rapidamente que a população

A saturação de informações leva à desinformação. Essas informações, na maioria das vezes, resolvem poucos problemas para a imensa maioria das pessoas. É possível que criem mais problemas, do que resolva. Não melhoram sua qualidade de vida.

Coexistimos numa cultura marcada pela enxurrada de informações, tão diversificadas que mal conseguimos discernir entre a informação real e a idealizada. Hoje, o mais importante não deve ser o volume de informações que recebemos, mas a qualidade da informação. A informação que oriente a uma explicação e permita que as pessoas se posicionem.

A sociedade deve se posicionar, opinar e participar na orientação e definição do papel dos meios de comunicação social na condução da cultura do país. Um exemplo disso é a indagação de qual o papel que a TV deve ter na educação das crianças.

Hoje existe uma grande preocupação comercial, inclusive vendendo ilusões para crianças. Em países europeus por exemplo, é proibido fazer um comercial diretamente para criança, induzindo-as às compras. No Brasil, isto é algo extremamente comum. A propaganda é a alma do capitalismo. Ela populariza as mercadorias, transformando-as em objetos atraentes e desejáveis, cheios de utilidades, qualidades, vantagens. A propaganda é uma área de atuação profissional especializada em vender idéias, provocar sensações, produzir imagens e induzir comportamentos. A propaganda é uma técnica psicológica a serviço da produção e do consumo.

Aqui no Brasil, as crianças têm acesso a toda programação televisiva, frente a um cotidiano tomado pela luta pela sobrevivência nas famílias mais pobres, os pais não dispõem de tempo para brincar, passear, conviver com os filhos. Muitos saem para trabalhar na madrugada e só voltam para casa tarde da noite, quando os filhos já estão dormindo.

Por outras opções e circunstâncias, os pais de famílias ricas também não têm tempo para conviver com os filhos. Assim, a família não encontra mais

tempo para ficar junta e desfrutar da presença uns dos outros. E quando o tempo sobra todos param, colados, diante da televisão.

Na correria do dia-a-dia, as crianças substituem a convivência familiar pela televisão. Os adolescentes já adquiriram mais independência frente a televisão se comparados com as crianças. Aqueles dedicam menos tempo à televisão para desenvolverem outros tipos de atividades de lazer que estes, por ainda não terem desenvolvido tantas outras atividades. Os adolescentes por gostarem de passear, saem com colegas para se divertir, por isso ficam pouco tempo em frente a televisão, enquanto as crianças por ficarem mais em casa têm mais contato com esse meio, tendo-o como seu maior entretenimento.

A televisão não precisa ocupar o lugar do contato familiar para se fazer presente na vida das crianças. Como a primeira educadora, formadora de valores, a família tem que continuar exercendo seu papel, em qualquer contingência em que esteja inserido. Se não assume esse papel ela vai perdendo sua identidade formadora e, conseqüentemente, comprometendo a integridade moral e o equilíbrio afetivo das futuras gerações.

Na infância, a pessoa absorve certos valores que só a família, enquanto grupo pode dar. Esses valores serão determinantes para aprender a viver em grupos no conjunto da sociedade. Nenhum grupo social ou veículo formador pode substituir o que é próprio da família.

A escola também tem papel importante, fundamental nesse processo. Ela deve sempre abrir debates sobre os meios de comunicação, sobre a qualidade dos programas, sobre a linguagem. A escola é o lugar para a leitura crítica da comunicação, pois transformam os consumidores de televisão desde

a infância em cidadãos, é permitir que sejam alfabetizados em linguagem audiovisual e capaz de entender o processo de produção.

2.2 - Universo do desenho animado

Miguel de Unamuno (in: FERRÉS, 1996) escreveu que “nunca um espírito é mais leve que quando sonha, porque é quando ele mais se emancipa de nossos três tiranos mais ferozes: o espaço, o tempo e a lógica”. As narrativas de televisão reproduzem essa libertação, provocando diversos tipos de transgressão.

A descontinuidade e a elipse, conseguidas por intermédio da montagem e dos movimentos de câmara, permitem a libertação dos limites de espaço e tempo, dando ao telespectador uma sensação de dinamismo vertiginoso. O telespectador vê-se transportado a um universo mágico no qual não regem nem mesmo a lei da razão. Freud falou da economia de esforços como fonte de prazer. Quando as tarefas de controle e censura que a razão exerce sobre as atitudes humanas conscientes, o prazer mental é liberado.

No espetáculo de televisão, a lógica e a verossimilhança são exigidas somente dentro dos limites das convenções dos gêneros: não seria aceito, por exemplo, que o mocinho da novela das oito escorregasse numa casca de banana, mas admite-se que isso ocorra com o personagem *Didi Mocó*, interpretado pelo humorista Renato Aragão. Fora desses limites aceita-se como verossímil que apareçam na tela fenômenos como homem – lobo, vampiros, homens voando, ou pessoas que parem o que esteja fazendo e comecem a contar e dançar em plena rua. Basta uma dose mínima de lógica exigida pelas convenções de cada gênero para que o telespectador desfrute do prazer produzido pela liberdade do julgo da razão. Basta esse mínimo sentido para poder gozar do prazer da falta de razão e da falta de sentido.

O telespectador que já possui seu senso crítico aguçado tem consciência de que aquilo a que está assistindo é ficção, mas vive a sensação como se fosse realidade. Isso ocorre porque ele precisa ser enganado. Precisa alimentar a sua fantasia, a sua imaginação, aceitar as mentiras como se fossem verdadeiras, porque se envolvendo emocionalmente, pode elaborar e liberar os seus próprios conflitos internos.

A televisão age como um espelho. As preferências dos telespectadores provêm tanto de um exercício da sua inteligência como de seus sentimentos. Quando o telespectador escolhe os seus heróis ou heroínas, estão manifestando as suas idéias, interesses, pulsões, esperanças e problemas. O prazer do telespectador provém, entre outros fatores, da identificação com alguns personagens iconoclastas, que introduzem a ruptura em ambientes socialmente intocáveis.

O telespectador infantil possui seus critérios de escolha de personagens e programas preferidos. Mas esses critérios ainda não estão respaldados em uma consciência crítica baseado na análise do que ele vê, de forma mais profunda.

Os telespectadores infantis têm estado presentes não apenas a programação infantil, mas também a destinada aos adultos, pela televisão.

Os programas infantis e desenhos animados na verdade, são produzidos, realizados e apresentados pelos adultos, para as crianças. Sendo assim construído a partir de uma visão adultocêntrica por uma psicologia adolescente como se fossem valores infantis.

Os desenhos animados expressam, na sua maioria os movimentos das coisas, seres ações, de uma forma exagerada, caricatura sobretudo quando se

trata de desenhos humorísticos ou os chamados “*cartoons*”. O animador de desenhos animados deve ter a habilidade do cartunista para criar seus personagens em movimento, a habilidade de expressão dramática e rítmica numa perfeita sincronização de imagens móveis e sons.

Todo desenho animado, para expressar a narração, integrar três componentes principais: a imagem em ação, os diálogos e o som. As vozes dos personagens dos desenhos animados são tão importantes na concepção desses personagens, tem relação tão íntima com o desenho de animação que:

“Walt Disney, como se sabe decidiu fazer, ele mesmo, a voz do Mickey, e a mulher de Walter Lantz é que fazia a voz do Pica-pau Maluco criado pelo seu marido. Popaye, Magov, Syhester e o Pica-pau são exemplos de vozes caricatas e a voz caricata é normal nos desenhos animados porque melhor se adapta ao exagero e a distorção do desenho do personagem” (Halas e Manvel, 1979).

No Brasil, a experiência com desenhos animados tem mostrado a existência de tentativas isolada com enormes dificuldades de produção e distribuição, Maurício de Souza é quem tem conseguido, com mais sucesso ultrapassar as barreiras e colocar em circulação suas produções. Iniciou com histórias em quadrinhos, em 1959, com *Bidu* e *Franjinha*, publicadas na “Folha da Manhã”. Em 1966 Maurício de Souza cria sua própria distribuidora e a sua empresa “MSP” - Maurício de Souza Produções. Passa, então a desenvolver-se com rapidez e em 1970 cria a personagem *Mônica*, lançada em história em quadrinhos pela Editora Abril a ela seguem: *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali*, *Tina*, *Pelezinho*, etc, hoje conhecidos em vários países do mundo, em 1971 Maurício de Souza ganha o “*Jelloav Kid*” no congresso Internacional de Histórias em

quadrinhos e passa a ser conhecido internacionalmente. A tentativa agora é de conseguir mais espaço na televisão brasileira.

O desenho animado é um fenômeno característico da cultura de massa. Além da função de entretenimento e lazer, tem também a função mítica e fabuladora característica das obras de ficção e ainda preenchem funções estéticas, pois se trata de uma linguagem artística.

O desenho animado pode servir a consciência e a alienação, pode levar ao conhecimento como a esquematização da realidade; tanto é criativa como também paralisadora.

Tomando como modelo; os desenhos **Disney** por exemplo, podemos notar a atividade dos personagens se desenrola à parte do mundo do trabalho, ou seja, há predominância dos casos de aventura, de atividades desenvolvidas durante o ócio, e em situações que são a negação do cotidiano, do dia-a-dia de cada pessoa. Parece que alguns personagens não trabalham nunca, e não sabemos muito claramente de onde vem o seu sustento: Às vezes são muito ricos (e essa riqueza se acha desvinculada da ação que a produziu), ou, as vezes vivem de expedientes, como Donald, que consegue inexplicavelmente manter um padrão médio de vida que lhe permite usufruir os benefícios da sociedade do consumo.

Geralmente a classe trabalhadora não é representada por nenhuma personagem, da mesma forma que a vida no campo é enfatizada sobretudo no seu aspecto de lazer, e não no da produção.

Segundo os chilenos Ariel Dorfman e Armand Mattelart,

*“No mundo de **Disney**, dos pólos do processo capitalista, produção – consumo só está presente o segundo (...) Um exemplo: as profissões. A gente pertence sempre a estratos*

do setor terciário, isto é, dos que vendem seus serviços. Cabeleireiros, agências imobiliárias e de turismo, secretários e vendedores de todo tipo, (...) empregados de armazém, padeira, guarda-noturno, garçom, ou do setor de entretenimento, distribuidores povoam o mundo de objetos e objetos, jamais produzidos, sempre comprados. O ato que para tanto as personagens estão repetindo a todo o momento é o da compra" (Dorfman e Mattelart, p. 79).

A sociedade é representada como estática e harmônica, sem antagonismo de classes, e a "ordem natural" do mundo é quebrada apenas pelos vilões, que encarnando o mal, atentam geralmente contra o patrimônio bancos e jóias. A defesa da legalidade dada e não questionada é feita pelos "bons" com a morte dos "maus" ou com a integração desses à norma estabelecida. Resulta daí um maniqueísmo simplista, que reduz todo conflito à luta entre o bem e o mal, sem considerar quaisquer nuances de uma sociedade em que as pessoas e os grupos possam ter opiniões e interesses divergentes.

Ao lidar com categorias abstratas de bem e mal, o conflito é reduzido ao nível individual, psicológico, como se tudo fosse resultante de problemas morais, e não políticos e sociais. Em outras palavras, a ênfase no aspecto moral da ação neutraliza o conflito social, ocultando que o homem vive numa sociedade de classes: quando é "restabelecida a ordem", ninguém questiona esta "ordem" que na verdade nada tem de natural, já que construído pelo homem, nem este "bem", que representa os interesses de determinada classe.

Quanto à figura dos super-heróis, é possível ver outras decorrências dessas observações: O Super-herói está a serviço da ordem estabelecida, instaura uma relação paternalista de dependência e de predominância dos valores individuais sobre os coletivos, pois os problemas que afligem a

comunidade só são resolvidos pelo socorro urgente do herói, frente à importância dos homens comuns.

Isso reforça o mito da ação individual, “dos grandes homens”, e oculta que o sujeito da história é o conjunto de todos. E, ainda mais, facilita a aceitação da sociedade hierarquizada e autoritária, justificando posições verticais de domínio, onde não há lugar para relações interpessoais igualitárias, horizontais e democráticas.

A personalidade esquizofrênica do super-herói é dividida entre o eu heróico e o eu cotidiano: Super Homem e *Clarck Kent*, *Zorro* e *Don Diego*, *Thor* e *Don Blake*, *Batman* e *Bruce Ayne*. A duplicidade favorece a identificação do telespectador. Com o herói: O homem comum é o tímido e apagado jornalista *Clarck Kent*, que ama secretamente sua colega *Louis Lane* e nem se quer ousa declarar-se. Segundo ELIADE, o mito do *Super Homem* satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se decaído e limitado, sonha revelar-se um dia uma “personagem excepcional”, um “herói”.

Na luta do bem contra o mal, praticamente nenhum papel de importância é dado ao negro, relegado à função de auxiliar, simples servo tratado de forma paternalista. Na maior parte, porém, o racismo se manifesta mesmo pela ausência de herói negro. Quanto à mulher, é sempre cortejada, mas frágil, dependente, medrosa trata-se de uma união de feminilidade que fixou o estereotipo do comportamento dócil da mulher, excluindo-a do processo histórico. Até quando é dotada de poderes especiais, como a *Bat-girl*, por exemplo, acaba sucumbindo ao poder do inimigo e precisa ser salva na hora H pelo herói masculino.

A superioridade de uns sobre outros se estende até na justificação do poder imperialista das sociedades desenvolvidas sobre os povos considerados "inferiores" dos países subdesenvolvidos. Aliás, esses povos são vistos como pobres, feios, escuros e tolos, com todas as qualidades que justificam a título dos ricos, brancos e inteligentes...

Na última década, foi observada, uma mudança no "comportamento" desses personagens, principalmente nos quadrinhos. Nas novas histórias, alguns super-heróis passaram a manifestar crises de angústias e indecisão, as personagens assexuadas foram erotizadas e buscou-se em alguns casos atenuar o maniqueísmo.

Alguns desenhos modernos que mesmo não perdendo a dimensão de divertimento e prazer, conduzem à visão crítica da sociedade e de nós mesmos. Um exemplo disso é o divertidíssimo "Os Simpsons", que faz uma sátira da sociedade norte-americana moderna de maneira mordaz e crua. Na realidade, o desenho traz uma linguagem adulta e sutil em suas tiradas cômicas.

2.3 - Educar para a informação

Nos últimos trinta anos, o mundo produziu mais informação do que durante 5 mil anos de história. Segundo estudioso Inácio Ramonet, todo dia, por exemplo, cerca de 20 milhões de palavras de informação técnica são impressas em diversos suportes de comunicação (revistas, livros, relatórios, disquetes, CD-ROM). Se você conseguisse ler mil palavras por minuto durante oito horas por dia, gastaria pelo menos um mês e meio para ler a produção de um só dia. RAMONET (in: FERRÉS, 1996).

Entretanto, mesmo tendo havido uma ampliação de uma diversificação extraordinária nos meios de comunicação, as informações não foram socializadas nem refletem necessariamente os problemas de todas as parcelas da população. No que diz respeito ao acesso aos bens culturais, proporcionados pela informática, sabe-se que ampla parcela da população não tem condições de desfrutar de seus benefícios pela simples razão de não ter dinheiro para adquiri-los. O computador não acabou com as máquinas de escrever, a Internet não acabou com os correios e a televisão interativa não acabou com a televisão convencional. O que aconteceu foi uma divisão no tipo de público consumidor, de acordo com a capacidade financeira de cada grupo social.

No mundo atual, a informação rápida transmitida pelos meios de comunicação de massa (televisão, rádio e jornais), reforça alguns assuntos (acordos governamentais, guerras e conflitos, aspectos curiosos do cotidiano) sem aprofundar a análise e, em alguns casos, sem mostrar os diferentes pontos de vista dos sujeitos envolvidos. Mais importante ainda: a indústria da

informação e do lazer é monopolizada por poucas empresas que vendem seus "produtos" para toda a humanidade.

Na década de 70, diversas emissoras de rádio no Chile eram fechadas à NBC (*National Broadcasting Corporation*), enquanto na Argentina, Colômbia, Equador, Venezuela, Guatemala e Uruguai, tinham dezessete canais de televisão que eram filiados à ABC (*American Broadcasting Corporation*). No Brasil, a Rede Globo de televisão recebeu financiamento externo do grupo norte-americano *Time-life* quando foi fundada, em 1965. as empresas publicitárias dos EUA, como a *Mc Cann Erickson*, responsáveis pela divulgação de propaganda, encontravam-se solidamente instaladas em todos os pais da América Latina. Dentre as 170 agências de publicidade do México, somente 4 eram totalmente mexicanas.

Imagens, palavras, valores morais, normas jurídicas, códigos políticos, critérios de competência são transferidos dos Países ricos para os países pobres por jornais, filmes, revistas, livros, rádios, Internet e principalmente televisão.

A televisão é também fonte de socialização, pela interpretação que ela faz da realidade. A informação de televisão converte-se assim, em instrumento de poder. Aqueles que conseguem controlar as pessoas, por isso, durante toda a História, todas as instituições têm se esforçado para ter acesso à escola e aos meios de transmissão de informação.

A televisão tem sido controlada sempre pelas instituições de poder, sendo de grande utilidade para os poderosos que têm acesso a esse meio, Os quais têm controle sobre ele onde muitas vezes usam para se engrandecerem.

Durante os séculos XVII, XVIII e início do século XIX, a imprensa era mais de opinião de que de informação. O principal objetivo da imprensa escrita era convencer sobre os seus próprios pontos de vista.

“Os comentários e os escândalos representavam muitas vezes, uma fonte de ingresso suplementar para os editores na forma de chantagem ou de suborno, pois eles podiam ameaçar com a publicação ou não, de notícias desabonadoras envolvendo personagens públicos” (J.A.C. Bromw, 1981).

Hoje, a nossa imagem da realidade é basicamente aquela oferecida pela televisão. Daí a sua importância como meio de controle social. Durante a Guerra do Golfo, os bombardeios aliados evitaram causar danos à antenas da televisão Iraquiana, apesar de serem detectadas facilmente do céu de Bagdá. A televisão precisava desempenhar um papel importante naquela guerra. Era uma arma a mais, um eficiente sistema de penetração.

Alguns autores não acham apropriado falar de meio de comunicação social, porque se trata na verdade, de uma comunicação vertical, ou seja, unidirecional. Consideram mais apropriado falar de meios de informações ou, talvez até melhor, meios de difusões. A televisão possui um sentido único: fazer chegar a informação da mente do emissor até a mente do telespectador.

Isso não significa que o meio seja infalível e que o telespectador não seja uma marionete facilmente manipulada. O telespectador tem que está atento às informações transmitidas pela televisão e que não deixe se manipular por tudo o que vê, mas que saiba receber suas mensagens com criticidade. A escola precisa está presente na formação do telespectador. A televisão, que se tornou

fenômeno cultural mais impressionante da história da humanidade, é a prática para a qual os cidadãos estão menos preparados.

A escola precisa se adaptar a uma sociedade em mudança, que concorde ou discorde do que vê a cada dia, precisa educar para uma cultura renovada. A escola, ainda hoje, preocupa-se quase que exclusivamente em reproduzir o conhecimento, em perpetuar a cultura. A escola não pode assistir impassível ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer ao menos, modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações.

A escola tem importante papel no desenvolvimento do educando, enquanto receptor de informações, audiovisuais. Ela própria como geradora (e receptora) de informações, deve-se constituir, ao lado da família, como o espaço como excelência onde educando pode concentrar as ferramentas adequadas para desenvolver o seu senso crítico.

Educação deve ser então voltada para liberdade. Seu objetivo principal é informar ao indivíduo as condições essenciais para que ele caminhe sozinho. A educação para liberdade passa sempre pela responsabilidade, entendendo-se claramente responsabilidade como meio importante de socialização e melhoria da convivência humana.

Como afirmou o pedagogo *Hamilton Werneck*,

"A escola é local de debate, cabendo aos alunos a decisão do futuro de suas vidas. Não nos cabe como educadores, traçar as linhas da vida de nossos educandos, devemos, sim, ser elementos úteis na sua educação, sem massagear as suas mentes, transformando-os na imagem e semelhança de coisas agradáveis aos nossos olhos (WERNECK, 1992).

2.4 - Educação pela TV

O aprendizado decorrente do uso da TV dar-se pelo recurso da linguagem icônica da qual a linguagem sonora é apenas um aspecto. Crianças que ainda não freqüentam a escola são capazes de identificar algumas palavras, como por exemplo, Coca-cola, a partir do seu consumo televisivo. Devido a exposição altamente repetitiva, houve uma retenção da imagem da palavra. Não houve o aprendizado da leitura do código escrito, que supõe muitas outras operações além da mera identificação da imagem da palavra.

A escola tem por meta a aprendizagem pelo corpo discente. Aprender modos de falar, padrões de comportamentos, modos ou parâmetros de julgamentos, informações ou conceitos, padrões de análise. No caso da televisão, todos os conteúdos e procedimentos são, os da "atualidade" os do momento", diretamente ligados e interferindo na vida dos telespectadores porque são acontecimentos do seu cotidiano, vistos e reproduzidos pelos profissionais do meio de comunicação de massa.

Os conteúdos trabalhados pela escola dizem respeito a conhecimentos sistematicamente organizados, produzidos por procedimentos científicos, ou seja, racionais e metodológicos, que podem e devem orientar condutas e atitudes mais condizentes com a racionalidade humana.

Esses conhecimentos se constituem justamente nas explicações e na possibilidade de compreensão, mas amplas dos acontecimentos do momento veiculados pela TV.

A escola e a TV utilizam os mesmos tipos de signos que o método de Paulo Freire. O recurso didático utilizado de maneira bastante ampla pela

escola é o livro didático, composto de texto escrito (palavras) e de ilustrações (ícones).

O Ícone, pela sua própria natureza tem uma analogia com o objeto representado. De tal forma não exige a familiaridade da pessoa que o recebe com a realidade que se refere.

O livro didático recorrer ao ícone para garantir o conhecimento que deseja alcançar. No método de Paulo Freire a palavra é utilizada para ampliação do conhecimento da realidade do educando, representada pelo ícone. No livro didático é o ícone que é empregado para garantir a compreensão da realidade representada pela palavra, e que não é a realidade do educando.

Tal como efeito na maioria das escolas, o uso dos signos não significa a ampliação dos conhecimentos, mas configura mesmo uma operação mecânica de acoplagem do conhecimento existencial do aluno. Dessa maneira, nem o aluno se desenvolve nem o signo adquire significado, o que é revelado pelo alto índice do fracasso escolar.

A televisão opera com os signos através da imagem e da fala. A imagem, o ícone, possibilita à consciência do receptor operar com o sentir, com o sentimento; é envolvente arrebatadora, sedutora e fascinante. Mas exigem a contemplação. Através da contemplação dos vários retalhos da realidade, próxima ou distante, apresentadas pela TV raciocínios começam a se formar por analogia e fornece ao indivíduo uma visão do objeto em pauta. O sujeito intui a realidade representada através das sensações que ela desperta: medo, aversão, simpatia, atração, segurança, insegurança, etc. essas sensações provocam a consciência, mobilizam-na. Os signos icônicos provocam uma

consciência em aberto, uma consciência do vir-a-ser, possível descoberta uma consciência que escapa a controles prévios.

O método de Paulo Freire utiliza a palavra através do diálogo, para ampliação do conhecimento da realidade representada pelo ícone; a televisão utiliza a palavra exatamente no sentido inverso, ou seja, no sentido de reduzir a potencialidade reveladora do ícone e encerrá-la nos limites permitidos pelo sistema que existe. Ao fazer isso realiza-se a construção da consciência de massa. O método de Paulo Freire utiliza a linguagem simbólica, para promover, desenvolver a consciência transitiva crítica, enquanto a TV faz o mesmo trabalho, para desenvolver a consciência transitiva ingênua, a consciência de massa.

A escola presa apenas ao aspecto "reveladora" dos signos que utiliza, ou seja, as características desses signos que permite representar uma realidade ainda desconhecida do educando, acaba por fazer um trabalho mecânico de acoplagem de conhecimentos: o conhecimento escolar ao conhecimento existencial.

A criança aprende por experimentação, por observação e por imitação. Tudo que não aprende por experiência direta, aprende por submissão a uma autoridade ou por imitação de modelos atraentes.

"A televisão dificulta e torna-se atraente, sendo assim um instrumento eficiente de penetração cultural ao potencializar, por intermédio desses meios o aprendizado de conhecimentos e comportamentos" (Ferres, 1996).

Entre os telespectadores infantis, os processos de imitação são inconscientes. A adesão ou a rejeição aos personagens, nesse caso, tende a

ser produzidos mais por envolvimento emotivos que por considerações ideológicas ou éticas. Os valores representados por esses personagens, são assumidos ou rejeitados pelas crianças devido as reações emotivas que lhes são provocadas.

CAPÍTULO II

3 - TELEVISÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

3.1 - Buscando a educação ideal.

A presença da televisão e do computador no mundo moderno é indiscutível. Não cabe mais criarmos discordâncias a esse respeito. Enquanto educadores, nossa função é perceber e analisar os movimentos provocados pelo uso da TV e computadores (assim como qualquer outro recurso áudio-visual) nos educandos.

O cidadão deve ter a formação adequada para analisar pessoalmente as informações que recebe todos os dias e tomar suas próprias decisões acerca dos meios de comunicação e suas mensagens. Cabe à escola, estruturar essa formação, fornecer os elementos necessários para que ela se concretize.

Nem todas as mensagens emitidas pela televisão são recebidas igualmente pelo receptor. Este é quem vai determinar a natureza da mensagem, pois sua repercussão irá depender da experiência anterior do indivíduo. Por isso a individualidade, as peculiaridades psicológicas e culturais de cada um devem ser respeitadas.

Ao utilizar a TV como veículo de auxílio pedagógico o educador precisa selecionar os programas conforme sua estratégia de ensino. Afinal de conta,

nem todos os programas são iguais, nem todos os assuntos podem ser colocados da mesma maneira, nem tudo serve para todos os usuários.

O mundo contemporâneo apresenta ofertas culturais que se notabilizam por estruturas esquemáticas repetitivas de funcionamento. Pelo que traz em si a televisão pode ser enquadrada nesse modelo em especial no que se refere a programas destinados às crianças. Os desenhos animados, as séries e mesmo os programas de auditórios cuja interatividade com o público se dá apenas por amostragem, enquadram-se em estruturas de repetição, o que os torna muito previsíveis. Mudam os eventos, os episódios, os fatos. Mantêm-se o modo como os mesmos são contados e resolvidos. O *Super Homem* por exemplo, sempre terá problemas e enfrentará uma série incontrolável de peripécias para resolvê-los. E a solução sempre apontará na duração do bem premiado e do mal castigado, fórmula que simplifica, esquematiza e sintetiza o mundo.

Isso reflete modas possíveis de arranjos narrativos legitimados e perpetuados em outras produções culturais como as histórias em quadrinhos, o teatro o cinema e mesmo o livro. Interessa apontar a força que adquire, indiscriminadamente no contexto dos programas infantis exibidos pela televisão, meio capaz de encontrar, divertir e até informar, mesmo que superficialmente, mas que, também ajuda a formar e reforçar as estruturas mentais. Tal encantamento, em parte justificado pela imagem em movimento, tende a sufocar formas de produção cujas linguagens limitam-se quase que exclusivamente aos recursos do código verbal. O fascínio exercido sobre as crianças não é pois gratuito.

A exposição contínua é sensível a estrutura de repetição de roteiros que passam a fazer parte dos esquemas mentais pode produzir estruturas

cognitivas que tende a organizar o mundo de forma esquemática e redutora. Como espera então que as crianças tenham a tão sonhada autonomia e independência, essencial exercício das habilidades mentais necessária ao ser e está no mundo, enquanto os esquemas mentais encontram-se tão sobrevivente a uma ordem que condiciona a processar informações de maneira tão esquemática?

A escola não pode fingir que os recursos audiovisuais estão inseridos de maneira irreversível no mundo contemporâneo. Não pode também, simplesmente levantar uma bandeira contra eles, sendo contrária e portanto. Eles estão aí e o que temos a fazer e lidar com eles.

"A questão da mídias na educação já foi respondida de forma contundente pela própria sociedade e mercado de trabalho. É um assunto historicamente ultrapassado. A presença, a importância da necessidade da televisão e do computador são indiscutíveis. É melhor usar o tempo e a energia para pesquisar como trabalhar os movimentos provocados pelas novas tecnologias (Sadek, 1999).

Não podemos ir de encontro a presença da televisão na sala de aula e sem prepararmos os nossos alunos para que se tornem receptores críticos das mensagens televisivas. Não podemos atribuir a televisão o papel de vilã, mas apontar seu poder sobre a representação mental infantil. Não podemos sugerir o controle do imaginário da criança interditando, cercando suas exposições a programação a ela destinada. Isso seria desconsiderar os meios de produção cultural são complementares não excludentes.

O que a escola deve fazer é informar sobre a exposição indiscriminada e mais a estrutura de repetição, que podem levar a uma representação de mundo

esquemático, redutora e indigente. De tanto se expor a roteiros de histórias de “mocinhos” e “bandidos”, fixam-se modelos e esquemas mentais que tende a interpretar as relações humanas apenas pelo filtro dessa dicotomia. A que se concluir no cenário do espaço imaginário das crianças outras produções que viabilizem a ruptura com tal modelo.

3.2 - Reflexão sobre educação real

Sem uma ampla reformulação do currículo dos conteúdos dos nossos livros e da consciência dos educadores e da família, será difícil conseguir uma escola que responda às necessidades da comunidade desse mundo em constantes renovações.

Diante de tanto avanço tecnológico, com satélites, parabólicas, computadores, ilhas de edição digitalizadas, canais exclusivos para educação, educação com cursos a distância, Internet, multimídia interativa, muitos especialistas dizem que a incorporação da tecnologia na educação já aconteceu. Mas que convive dia-a-dia com os trabalhadores em educação percebe que a realidade ainda não é dessa maneira, o desafio é bem maior do que se apresenta.

A angústia, o mito e o temor continuam rondando entre os trabalhadores de educação.

As diferenças entre a infra-estrutura de muitos estabelecimentos de ensino público e os particulares, na Bahia por exemplo, chegam a ser abissais. Entre as próprias escolas públicas existem diferenças preocupantes.

A escola hoje, assim como todas as instituições, se encontram a meio a mudança sócio-culturais de virada de milênio mudanças estas, que nos chegam em doses muito altas e em intervalos de tempo muito curtos. Corremos o risco de uma "overdose" de informações. Todas oferecem assimilar essas mudanças o mais rápido possível mas não estamos conseguindo tantos êxitos.

Existe um investimento por parte do governo na compra de computadores e aparelhos audiovisuais, como também na ampliação dos espaços dentro das escolas para abrigar todas essas novidades.

As questões que são levantadas nesse momento são as seguintes:

- Não são todas as escolas da rede pública que serão contempladas com esse projeto. Logo, as disparidades continuaram a existir serão, reproduzidas;
- Em alguns locais se investe em materiais paradidáticos e muito pouco no material humano. Os professores estão verdadeiramente preparados para utilizar esse arsenal?
- A desvalorização profissional da educação devido aos baixos salários, é um fortíssimo aliado para a sua desmotivação perante os cursos de qualificação profissional em geral, muito caros.

Para se chegar a acontecer uma mudança tecnológica radical no sistema e educacional no Brasil, será um processo para médio prazo e com passos mais lentos, mais é preciso desenvolver um sistema que contrapõe-se aos métodos convencionais e estarmos preparados para receber a nova tecnologia, que invadem aceleradamente a sociedade. A solução com certeza não será quebra os computadores e os aparelhos de Tv como no início da revolução industrial, em que os trabalhadores quebraram as máquinas, mas entrarmos no século XXI sabendo utilizar-se dos recursos tecnológicos para não sermos atropelados pelo conhecimento e permanecermos estagnados no analfabetismo das inovações tecnológicas.

Provavelmente emergirá muito mais serviços e domínio de conteúdo e pesquisa do educador, porque o volume de informação será bem mais amplo, não podendo se restringir somente ao livro didático.

A Nova Educação deve chegar para todos e não só para aqueles que tem acesso a uma escola particular.

CAPÍTULO III

4 - ANÁLISE DOS DADOS

Atualmente a televisão é o meio de comunicação utilizado com mais frequência na vida das pessoas de todas as idades. Sua influência sobre as crianças e jovens é muito grande. Percebe-se a todo o momento crianças imitando personagens de TV, principalmente de desenhos animados.

Em observações diretas em nossa sala de aula, vê-se que a TV exerce grande influência sobre as crianças e que desperta desejos em imitar seus personagens. Isso nos inquietou a pesquisar a verdadeira influência que ela causa. Partimos inicialmente dessa idéia até pesquisarmos as relações de professores e recursos audiovisuais.

Primeiramente fizemos um levantamento bibliográfico, para que fosse feito estudo sobre a TV e suas utilidades. No período de julho a setembro de 2001, acompanhamos o trabalho de educadores em classe de crianças na faixa etária dos 05 aos 07 anos. A instituição de ensino observada foi a Escola Francisco Marques de Oliveira, que faz parte da rede municipal de educação deste município.

Depois elaboramos um questionário, a respeito do uso da televisão e vídeo na pré-escola onde foram entregues a 10 professores todos residentes em Várzea da Roça.

Este questionário foi entregue aos professores no dia 02 de setembro de 2001 em suas casas, contendo 10 questões relacionadas ao uso da TV, a

preparação e o acesso aos recursos audiovisuais. Procuramos saber se eles usam ou não a TV/vídeo em suas aulas, se acham importante e se enriquecem o seu trabalho.

Os entrevistados foram professores que fizeram o Curso de Pedagogia da UNEB/2000 no Município de Várzea da Roça. A escola possui uma equipe de 14 professores, sendo entrevistados 10, os quais demonstraram estar satisfeitos ao receberem os questionários e contribuírem respondendo-os e entregando-os no prazo previsto.

A escola não dispõe de recursos audiovisuais suficientes para uma boa qualidade de ensino. No entanto alguns professores procuram aprimorar o seu trabalho levando os seus alunos até a biblioteca da cidade que dispõe de um aparelho de TV e vídeo, estando a serviço das instituições escolares.

O principal objetivo dessa investigação foi observar de que maneira as práticas pedagógicas relacionadas ao uso da televisão estão sendo utilizadas pelos educadores.

Observamos a preocupação de 100% dos professores no que diz respeito a relação televisão e aprendizagem. Muitos concordam que esse meio de comunicação pode ser grande aliada durante as aulas, mas percebe a necessidade da preparação do educador para que ele transforme os alunos em receptores críticos das mensagens televisivas.

Quanto ao uso da TV em sala de aula 20% dos professores entrevistados utilizam freqüentemente o vídeo, acreditando tornar a aula mais atraente para as crianças e também facilitar a aprendizagem. Enquanto 60% não usa com freqüência vídeo em suas aulas, argumentando que nem sempre encontra um material que corresponda às necessidades da turma no momento

que necessitam, mas de vez em quando utiliza; apenas 20% não usam TV em suas aulas.

Algo já esperado foi o fato de 90% dos educadores não se acharem preparados para utilizar a TV/vídeo na sala de aula.

A falta de preocupação das autoridades competentes com a capacitação dos docentes é alarmante e põe em risco todo o processo educativo.

Não estão preocupados em melhorar a educação. É preciso que seja realizado curso de aperfeiçoamento para que o docente possa fazer um bom trabalho.

Percebe-se que o curso de magistério não prepara o professor para trabalhar com recursos audiovisuais, nem o curso de pedagogia tem esse preparo para os professores, pois todos os professores entrevistados, fizeram o curso de pedagogia da UNEB/2000 para preparação dos professores do ensino fundamental e não se sentem preparados para trabalhar com TV/vídeo.

Outro fator preocupante é a falta de material didático nas instituições de ensino público.

Ouve-se muito que o professor deve adquirir novos métodos de ensino, utilizar amplos recursos, mas esse material muitas vezes não é fornecido. E às vezes quando o material chega na instituição escolar analisada, encontra os professores despreparados para a utilização de alguns recursos. A escassez de livros especializados dentro da escola, que orientem o uso da TV e vídeo em sala de aula também dificulta o desenvolvimento de um trabalho produtivo.

Analisando ainda o resultado das entrevistas, 40% dos professores responderam que a escola dispõe de algumas fitas cassete gravadas; apesar do acervo ainda não ser suficiente, pois não atende grande parte das

necessidades básicas. Porém, 60% responderam que é difícil o acesso a esse material, mas foi constatado que a biblioteca municipal possui um total de 43 fitas de vídeo, 1 vídeo e TV, disponíveis para o uso de alunos, professores e comunidade, os quais são usadas não com muita frequência. Não podem ser retirada do local, quando o professor vai usar uma fita é necessário usar o vídeo da biblioteca. As mais procuradas pelos professores são as relacionadas aos temas transversais e as de desenhos infantis.

Quanto ao conhecimento de algumas bibliografias especializadas que oriente o uso da TV ou vídeo em sala de aula, 30% dos professores entrevistados responderam que recebe algumas orientações através da *TV ESCOLA* mas não são específicas; e 60% responderam que não têm conhecimento de bibliografias. Somente uma professora respondeu que também não tem conhecimento, mas está iniciando um curso promovido pela *TV ESCOLA*.

Percebe-se a necessidade dos professores aprenderem a utilizar o que já existe de qualidade nos programas televisivos para alimentar suas ações em sala de aula, atualizando suas fontes de informações a respeito dos programas de televisão.

Na utilização de desenhos animados em sala de aula, 30% dos professores não utilizam e 20% questionam que a escola não dispõe desse recurso. Um professor entrevistado respondeu que, apesar de nunca ter pensado em utilizar, acredita ser um material muito rico, que pode ser utilizado para questionar valores e comportamentos. E 70% responderam que sim, acreditam que o desenho animado desperta mais interesse e também transmite boas lições de valores e atitudes.

Em relação ao desenho animado, se influencia e favorece o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, 60% dos professores acreditam que sim, argumentando ainda que as crianças que assistem desenhos estão mais expostas aos conhecimentos que a televisão proporciona, que aqueles que não têm conhecimento desse meio.

Frente à televisão a criança entra em contato com novos e diferentes conteúdos e encontra estímulos para criar novas relações entre temas já conhecidos.

Quanto a aceitação pedagógica em relação aos desenhos animados na formação de valores nos alunos, 90% dos professores não demonstraram clareza em suas respostas.

Acreditamos que o desenho animado na formação de valores depende muito da maneira de trabalhar que tendem a valorizar aqueles considerados positivos ou negativos.

No resultado das pesquisas foi constatado que todos os professores conhecem vários desenhos animados, como *Pica-pau*, *Tom-Gerry*, *Popye*, *Turma da Mônica*, *Turma do Mickey*, *Homem aranha*, *Ursinhos carinhosos*, *Menino lobo*, *Piu-piu*, *Pokémon*, *Pimentinha*, *Pernalonga*.

Comprovamos ainda que esse meio de comunicação pode ser um grande aliado durante as aulas, mas é preciso que se desenvolva programas e projetos voltados para a formação do professor e do comunicador numa perspectiva de educação para imagem e para a mídia. E que nessas atividades de formação seja levado em conta a nova relação professor-aluno, em que o professor deixe de ser único portador do saber legítimo e passe a ser um provocador das formas da própria construção do conhecimento do educando.

5 - CONCLUSÃO

A criança constrói a sua aprendizagem a partir de algumas estruturas cognitivas ou de alguns esquemas mentais prévios. Qualquer conhecimento novo modifica os esquemas mentais, de forma que os novos esquemas tornam possível a aquisição de novos conhecimentos.

A educação na área da televisão criou um novo tipo de espectador, mais receptível, mais reflexível, mais crítico. A formação do telespectador não eliminará os riscos de manipulação mas intensificará também as oportunidades de aprendizagem.

Diante de um espectador crítico aquilo que poderia ser causa de alienação se transformará em oportunidade para formação, em uma provocação para uma reflexão crítica. A televisão pode ser transformada em um meio enriquecedor.

A escola deve ser um espaço de democratização e de inclusão social. Nos não podemos mais reproduzir, nas escolas, uma lógica excludente, que privilegia alguns e deixa a maioria sem acesso ao meio social, aos serviços básicos, a uma vida digna.

A escola, a partir disso tem que se modificar para atender diferentes tipos de alunos, incluir todos, a superar os índices altíssimos de reprovação e de evasão, o que não está acontecendo apesar de existir várias campanhas incentivando pais e alunos a freqüentarem a escola.

O fetiche exercido pela televisão sobre as crianças constitui matéria preocupante na opinião de alguns professores, pedagogos, psicólogos e

educadores em geral. Essa matéria tem sido analisada e debatida em quantidade o que não significa que as possibilidades de compreensão do fenômeno tenham se esgotado.

Esse trabalho teve como objetivo ampliar a discussão, partindo do pressuposto de que esse meio não pode ser encarado como o vilão da história e nem como o grande herói.

Em estudo feito com professores, percebemos que a televisão é um meio de comunicação que apesar de existir em todos os lares brasileiros, muitas pessoas não sabem utilizar esse meio e interpretar as mensagens transmitidas. E que os professores da escola Francisco Marques de Oliveira não se sentem preparados para trabalhar com esses meio de comunicação de massa em sala de aula. Havendo assim a necessidade de um preparo nos educadores e a existência de materiais disponíveis na escola (TV, vídeo, fitas cassetes...), que tanto despertam interesse nas crianças.

Pretendemos assim ampliar a discussão e desenvolver estudos sobre o uso da TV com os demais professores da comunidade varzeana, buscando inovar o uso da TV em suas aulas.

Partindo deste pressuposto, aprofundaremos o debate teórico sobre uma complexa questão colocada hoje para: como atua nesse novo "ecossistema" comunicativo que domina os vários espaços da vida social e do qual emergem outro modo de ver e ler, de pensar e aprender.

Trata-se examinar criticamente e compreender melhor os meios de comunicação sem subserviência `comunicação e as tecnologias da informação sem abandono do que já está construído sem subestimar a figura do professor

Com esta pesquisa percebemos que as escolas do município não dispõem de recursos audiovisuais suficiente para ser trabalhado em sala de aula. E que os professores acham esse recurso importante, porém não estão preparados para trabalhar com ele mas acreditam ser relevante na construção do ensino aprendizagem sabendo utilizá-los de forma que torna os alunos receptores críticos das mensagens televisivas.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPELLI, Samira Yossef. A telenovela. 2ª edição. São Paulo: 1987.

DORFMAN, Ariel e JOFRÉ, Manuel. Super – Homem e seus amigos do peito. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DORFMAN, Ariel e MATTELART, Armanoel. Para ler o gato Donald. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FERRÉS, Jean. Televisão e Educação. 2ª ed. Porto Alegre: 1996.

HAMBURGER, Esther. História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na Educação. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HIRATA F, Maurício. Sinopse. Revista de cinema.

MEDIATAMENTE! Televisão, Cultura e Educação. Série de estudos educação a distância. Ministério da Educação. Brasília: SEED, 1999.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMONET, Inácio. O pensamento único e os regimes globalitários. IN FIORI, José Luís. (org) globalização: O fato e o mito.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

Nº _____ Horário _____

Data _____ Tempo de ensino _____

1. Você acredita que a televisão favorece a aprendizagem? Por quê?

2. Você costuma utilizar TV e vídeo em suas aulas? Por quê? Quais vídeos?

3. Você se sente capacitado para utilizar a TV ou vídeo na sala de aula?

4. Querendo utilizar o vídeo em sua sala, você tem acesso a esse material?

5. Você conhece alguma bibliografia especializada que oriente o uso da TV ou vídeo em sala de aula?

6. Você já pensou em utilizar desenho animado em suas aulas?

7. Quais os desenhos animados que você sugere que seus alunos assistam?

8. Você acredita que o desenho animado influencia e favorece o desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos? De que maneira?

9. Qual é a aplicação pedagógica do desenho animado na formação dos valores dos seus alunos?

10. Quais são os desenhos animados que você conhece?

